

Exterior do templo de Ybsamboul

Subindo o Nilo entre a primeira e a segunda catarata, vê-se na margem esquerda d'este rio a montanha denominada Ybsamboul, na qual tem sido soterrados vastos templos, ornados de esculturas e pinturas que os collocavam no numero das mais curiosas obras da Nubia.

O maior d'estes templos foi aberto, com infinitos esforços, por Mr. Belzoni, um dos viajantes europeus que explorou o Egypto e a Nubia mais minuciosamente. As antiguidades que trouxe ornaram pela maior parte o museu britannico de Londres. Forçado, para as investigações, de recorrer aos selvagens habitantes da Nubia, e de comprar a protecção de seus *cacheffs* ignorantes e avidos, Mr. Belzoni teve que vencer difficuldades de toda a especie: foi-lhe necessario trabalhar no desentulho durante um longo espaço de tempo, queimado pelos ardores do sol, e reduzido muitas vezes a partilhar do grosseiro e no-gento alimento dos nubianos.

O grande templo d'Ybsamboul estava quasi completamente enterrado no solo. Era necessario não sómente cavar mais de 9^m,90 de profundidade na areia amontoada desde muitos seculos junto d'este monumento, mas ainda adivinhar de que lado seria a entrada do templo.

Todo o edificio foi talhado na rocha. A fachada tem 56^m,40 de largura e a altura é de perto de 33 metros. Quatro figuras assentadas, de uns 16^m,50 de altura, de bonnets que tem 4^m,32 de altos, decoram a entrada d'este templo. A largura entre os hombros é de 8^m,58 e as orelhas tem 0^m,99 de comprimento. De todos estes colossos do Egypto e da Nubia, só o sphinx é mais elevado que estas estatuas. Por cima da porta tem uma outra estatua colossal de 6^m,60 de al-

tura, que representa *Osiris*, um dos deuses do Egypto. Por cima da cornija está um renque de vinte e um macacos assentados, da altura de 2^m,64 e 1^m,98 de grossura.

A massa da areia que tapava a entrada do templo impedindo que ali penetrasse o ar e a humidade, contribuiu para a conservação do interior do edificio, no qual se admiram objectos de arte de grande belleza, pinturas, hieroglyphos, esculturas e figuras colossaes em grande numero.

Quando Mr. Belzoni penetrou n'este monumento sentiu um calor insupportavel e a transpiração das mãos molhava o papel a tal ponto que este viajante e os seus companheiros tinham muita difficuldade para traçar os seus esboços.

Muitos sabios tem supposto que o templo de Ybsamboul era o tumulo d'algum rei, dizendo alguns ser de Sesostris; mas Mr. Belzoni não achou ali nenhum sarcophago.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

XII

É occasião de ouvirmos o que Eugénio de Beauharnais nos diz acerca do ultimo acontecimento notavel que no artigo antecedente indicámos, isto é, o extraordinario facto da elevação de Bonaparte, primeiro consul, á dignidade de imperador dos francezes.

Vão terminar as *Memorias* que o principe Eugénio chegou ainda a dictar, e que nós havemos

percorrido até agora. Em tal caso, é bem que os leitores tenham diante dos olhos as ultimas paginas d'esse escripto, do qual vamos despedir-nos. Estas paginas, que na sua integra passamos a reproduzir com a maior fidelidade, hão de parecer-lhes bellas, pois que em verdade têm o cunho da elevação propria do alto assumpto, a que são relativas, e dão ares de ser escriptas por algum dos heroes de Plutarco:

— Vou agora, diz afinal o principe Eugénio, vou agora fallar do grande e importante acontecimento, que pôz a corôa imperial na cabeça do primeiro consul. Muitos mezes decorreram entre a sua eleição e a coroação. Durante esse tempo, o imperador, querendo circumdar o throno de toda a dignidade, de todo o respeito e acatamento devidos ao poder monarchico, restabeleceu a etiqueta antiga, e a fez observar escrupulosamente. Desde então deixaram as minhas relações com elle de ser tão intimas como d'antes, e por muito tempo me vi, por effeito do meu pôsto e das minhas funcções, limitado a estar no salão de espera, o mais desviado dos seus aposentos.

«Não murmurei: concebia que devia ser assim. Não faltaram, porém, cortezãos e outros, que, debaixo da mascara do interesse e do zelo para comigo, procuravam irritar-me, mostrando-se espantados de que o genro do imperador, depois de ter vivido por tanto tempo na intimidade com elle, se achasse de repente tão afastado. Fechei a bôca áquelles bons amigos de côrte, dizendo-lhes que estava muito á minha vontade em toda a parte onde o dever me collocava; e o que eu lhes dizia era a pura verdade.

«Passados tempos fez-me o imperador offerer, por minha mãe, a dignidade de camareiro-mór; mas eu recusei essa honra, desculpando-me com a rasão de não quadrar um tal emprego, nem aos meus gostos, nem ao meu character; e fazendo sentir que a minha vocação era exclusivamente militar, e não tinha eu conhecido outro officio senão o das armas. Devo comtudo confessar que, se o imperador me tivesse offerido o logar de estribeiro-mór, tel-o-hia talvez accettato, porque gostava eu apaixonadamente de cavallo, e havia n'aquella intendencia uma especie, umas feições de regimento.

«Finalmente, pouco antes da coroação, fui nomeado coronel general dos caçadores a cavallo, no que recebi grande satisfação, porque, dando-me o imperador uma dignidade tão eminente, deixava-me em todo o caso no meu elemento.

«Não fallarei das ceremonias da coroação, — que já foram ellas descriptas nas obras d'aquelle tempo: e tão pouca impressão deixaram no meu espirito, que nem sequer me recordo hoje das honras ou insignias que n'essa occasião me couberam. Em geral, nunca me deslumbraram os distinctivos exteriores, nem o apparatus da grandeza, nem finalmente a fortuna brilhante, que em perspectiva se me offercia então.

«Algum tempo depois da cerimonia da coroação, recebi ordem de partir para a Italia com uma parte da guarda imperial, cujo commando me foi confiado. Estava a caminho para aquelle destino, quando em Tarare, perto de Lyão, veio um correio trazer-me a noticia da minha nomeação para a dignidade de principe francez.

Posso dizer com verdade que esta alta condição, a que a fortuna me elevava, não me inspirou o mais leve movimento de orgulho, nem de vaidade: continuei a viver com as minhas tropas e com os meus officiaes do mesmo modo que d'antes, não alterando em cousa alguma os meus habitos de viver. Recebi um sem numero de cartas de felicitação, cheias de louvores e de protestos de dedicação, que apreciei no seu justo valor, como se tivesse previsto o que a experiencia me confirmou tão perfeitamente ao depois... Uma só cousa me enterneceu verdadeiramente n'esta circumstancia, e foram os termos em que o imperador, na *mensagem ao Senado*, annunciava a minha nomeação. Já alludi a isso por occasião de narrar a minha residencia no Egypto.

«Estas demonstrações publicas da confiança e da estima de um grande homem, chefe da nação, em presença da primeira corporação do Estado, parecêram-me muito superiores a todos esses titulos e dignidades, que provavelmente não eram devidos senão ao acaso das minhas relações com elle.»

— Aqui acaba o fragmento historico dictado pelo principe Eugénio, — do qual apresentámos os traços que nos pareceram mais importantes. De novo lastimamos que um tão precioso documento termine no anno de 1805. Muito lucraria a historia em que as *Memorias* fossem acompanhando a vida do principe Eugénio até ao termo que a Providencia marcou a este.

— Antes de passarmos á segunda parte d'este nosso humilde trabalho, queremos mimosear os leitores com a famosa *Mensagem* que ao principe Eugénio tanto agradára:

— «Senadores! Nomeámos o nosso genro, Eugénio Beauharnais, Archi-Chancellor do Estado do Imperio. De todos os actos do nosso poder, nenhum ha que seja mais grato ao nosso coração.

«Educado com o nosso cuidado, e debaixo dos nossos olhos, desde a infancia, tornou-se elle digno de imitar, e, querendo Deus, de exceder um dia os exemplos e as lições que lhe havemos dado.

«Ainda que môço, consideramol-o desde já como um dos sustentaculos do nosso throno, e um dos mais habéis defensores da patria; pois que o havemos pôsto á prova nas circumstancias mais graves.

«No meio das inquietações e amarguras inseparaveis do alto posto em que estamos collocado, necessitou o nosso coração de encontrar affeições suaves na ternura e constante amisade d'este filho da nossa adopção: consolação necessaria, sem duvida, a todos os homens, mas ainda mais a nós, que somos forçado a dedicar todos os instantes aos negocios dos povos.

«A nossa benção paternal hade acompanhar o joven Principe no discurso da sua carreira, e, com o auxilio da Providencia, hade elle vir a ser digno da approvação da posteridade.

«No Palacio das Tuilherias, a 12 *pluviôse* do anno 13 — 1.º de Fevereiro de 1805 — Assignado — *Napoleão.*»

— Rasão teve o principe Eugénio em se alegrar com as demonstrações tão lisongeiras, com que o honrava um dos homens mais extraordinarios que o mundo tem visto. Essas demons-

trações de apreço e de estima eram, da parte de Napoleão, sinceramente sentidas, e não um testemunho official de mero apparatus e fementida ostentação. Napoleão lembrava-se da boa e leal companhia que lhe fizera no Egypto o seu filho adoptivo; lembrava-se dos excellentes serviços militares que o illustre mancebo prestára; lembrava-se de que encontrára sempre na pessoa de Eugénio um confidente amigo e nobre, tal como é raro encontrar confidentes.

Napoleão anticipava com os seus votos a dedicação admiravel, de que a elle e á Franca havia de dar mostras o principe Eugénio na Italia, na Russia, na Allemanha, como teremos occasião de fazer sentir no discurso d'este nosso humilde trabalho.

Altamente justificados estão pois os documentos que vamos apresentar aos leitores e consideramos complemento da *Mensagem*:

1.º = *Carta de Napoleão a Eugénio datada do 1.º de fevereiro de 1805.* — Meu Primo. Acabo de nomear-vos Principe e archi-chancellor do Estado. Nada posso acrescentar aos sentimentos que exprimi na mensagem que por esta occasião enviei ao senado, da qual vos será remittida uma copia. Ali encontrareis uma prova da terna amizade que vos dedico, e a esperanza que me assiste de que haveis de continuar, no mesmo rumo, a aproveitar os exemplos e as lições que vos hei dado. Esta mudança não traz consigo obstaculo algum á vossa carreira militar. O vosso titulo é — o Principe Eugénio Beauharnais, archi-chancellor do Estado —; e recebereis o tratamento de Alteza Serenissima. Não sois mais coronel general dos caçadores a cavallo; ficades sendo general de brigada, commandante dos caçadores a cavallo da minha Guarda. Nada se altera nas vossas relações ordinarias, a não ser o terdes que assignar — o Principe Eugénio —; deixando de pôr o titulo de — archi-chancellor, excepto nos negocios respectivos á vossa dignidade, ou nos negocios officiaes. — Peço a Deus que vos tenha na sua santa e digna guarda. =

2.º = *Resposta de Eugénio.* — Senhor! N'este instante acabo de receber a carta, com que V. M. se dignou de honrar-me. Já V. M. me tinha enchido de beneficios, e eu imaginava que não era possivel augmental-os. Aproveu, no entanto, a V. M. dar-me um novo testemunho das suas bondades, elevando-me á dignidade de archi-chancellor e de principe. Esta dignidade, este titulo, não poderão acrescentar a dedicação e affeição sem limites que dediquei a V. M. Sentimentos taes só hão de acabar, quando teminar a minha existencia, — a qual deixaria de ter valor aos meus olhos desde o momento em que cessasse de ser util a V. M. — Dignae-vos, Senhor, de acolher benigno as mais sentidas expressões d'aquelle que tem a honra de ser, etc. =

— Documentos tão honrosos deviam ser reproduzidos n'um escripto consagrado á memoria do Principe Eugénio, ao qual tão de perto dizem respeito.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

AS SATYRAS DE NICOLAU TOLENTINO

(Continuado de pag. 335)

II

«Um dos meritos mais relevantes do poeta, diz,

sem insistir muito, o sr. José de Torres, no substancioso estudo que acompanha a edição das obras completas de Nicolau Tolentino, feita pelos srs. Castros em 1861, é ter deixado nas suas obras photographada, se assim o podemos dizer a sociedade do seu tempo.»

Devo confessal-o? Não gosto da expressão «photographar» applicada ao quadro tão cheio de movimento e de vida que Nicolau Tolentino nos deixou nas suas satyras. A photographia, essa aberração da arte, é uma especie de força caudina, por baixo da qual tem passado, no seculo XIX, com douravel resignação, a humanidade inteira. A photographia é a arte de achatar todas as physionomias humanas. Teve a habilidade de reduzir a um typo unico os variados exemplares da imagem de Deus. Talento, formosura, tudo quanto seja superioridade, deve curvar-se inevitavelmente para se ajustar á craveira que a photographia adaptou de proposito para as mediocridades. N'esses retratos frios, sem expressão, sombras deixadas no metal por uma physionomia condemnada á immobilidade, o que sobrevive da expressão que anima o rosto, que tranz no olhar, que illumina o sorriso? Nada absolutamente, a machina insensivel apanhou n'um relampago um corpo cheio de vida, e transportou o cadaver para a chapa, onde a imagem da mulher formosa fica semelhante á borboleta pregada por um alfinete no cartão do naturalista, onde os lampejos do genio, que o olhar d'um Hugo ou d'um Lamartine irradia, se apagam para darem logar á expressão banal das photographias.

Que os romancistas da moderna escola realista, os Champ-Fleury, os Feydeau, os Flaubert *photographam* a sociedade é justo que se diga; os retratos de morte-côr que elles nos apresentam bem deixam ver a ausencia completa do sentimento artistico; mas Nicolau Tolentino *pintou* o quadro da sociedade da sua época, pintou-o com vivissimas côres, dando expressão a cada figura, relevo a cada grupo, e deixando transparecer em cada pormenor o chiste gracioso do seu espirito risonho e fino.

E esse raro predicado é o que dá a Nicolau Tolentino um logar á parte na lista dos satyricos. Devemos comparal-o a Boileau? Que differença profunda! O auctor da satyra ácerca das mulheres cinge-se escrupulosamente ás leis do genero, e revela as qualidades do seu estylo academico, mas frio; zomba, analysa, flagella, ridicularisa. As satyras de Nicolau Tolentino são quasi comedias, o nosso poeta pende mais para Molière do que para Boileau. Travem um enredo, disponham as scenas, e a comedia está feita, as figuras não faltam, observadas com immensa finura, e admiravelmente desenhadas em dois traços. Impuz-me rigorosamente a obrigação de não fazer citações, mas folheie o leitor a satyra dos *Amantes*, a do *Bilhar*, a da *Função*, e principalmente a do *Passeio*, e verá como a feição da comedia predomina nas obras primas de Nicolau Tolentino sobre a feição da satyra, tal como o codigo poetico a determinava. Os typos desfilam com rapidez diante do leitor, o poeta apanha-os n'um relance, e a valentia do epitheto sempre apropriado e feliz, a disposição da phrase concorrem para dar um tal relevo ás figuras que nos parece que as não vemos só com

os olhos da alma, que as vemos também com os do corpo.

Sigâmol-o no seu *Passeio*, e veremos como o quadro se anima, como tudo se move em torno d'elle, como, levantando a loisa de perto de um seculo, e nos resurge, vagueando nas ruas de Lisboa, essa geração que já hoje é pó.

Panorama perfeito! Dêem-lhe a perspectiva do tablado, que o scenario o poeta o dispôz.

O peralta que sobraça o gigante chapéu, e com o cotovello curvo encostado ao mostrador dá sentenças no botequim, o jarreta, que, no concilio magno do alto de Santa Catharina, pugna pelos brios d'Albion, mas fica vencido em votos e leva a bréca Inglaterra, tudo são typos que saltam da tēla, com tamanha habilidade soube o observador apontar-lhes os traços caracteristicos.

Continuemos o passeio; aqui temos á direita os cartazes da esquina, que annunciam o dentista formado em Paris, o Carlos Magno commentado, e as obras de Caldeirão.

São Ave-Marias, vem descendo as sombras, ouve-se o borbórinho dos operarios que saem com alegre rumor do Arsenal, as visinhas pedem lume umas ás outras, approximam-se os namorados das escadas, onde os espera a mensageira das epistolas, os ginjas ricos vão-se chegando prudentemente para casa; a illusão é completa, vê-se tumultuar aquella turba de figuras; não ha particularidades escusadas, todas concorrem para dar vulto ao quadro.

Eis-nos depois no saráu; o lapis do desenhador corre com ligeireza, e em cada figura imprime um traço indelevel; a mãe, já dragão formal, espelho de desenganos; a tia, devota que *affecta mystico esp'rito*, mas que vae sempre suspirando *pelus cebolas do Egypto*; o abbade galanteador, que canta modinhas arregaçando a batina, unindo em profunda paz Babylonia com Sião, que de typos novos, que passam rapidamente por diante dos olhos do observador, e que elle para sempre fixa na sua galeria immortal!

O homem que soube assim transmittir á posteridade o quadro vivissimo e animado da geração a que pertencia, e que, sem dispôr da illusão da scena, exerce sobre o leitor prestigio equal aquelle com que o auctor comico o fascina, o homem que observou e creou os typos, porque a reproducção fiel e artistica das obras de Deus é a criação a que o poeta se póde abalançar, não merece um logar distincto entre os nossos primeiros escriptores, não merece que seja collocado entre os notaveis escriptores da Europa? Convenho que as outras obras de Nicolau Tolentino são muito inferiores ás satyras, mas não bastam as satyras para immortalisar um nome? Os escriptores, carregados de numerosa bagagem litteraria, não vêem affundar-se-lhe tudo quando vão a atravessar o oceano dos tempos, e não os salva muitas vezes apenas um livro, uma pagina apenas? O que vive da obra de Gilbert? Meia duzia de estrophes, murmuradas entre as agonias do passamento. Da vasta collecção dos livros de Bernardin de St-Pierre, o que lêmos nós agora com adoração? Um voluminho de poucas paginas que se chama *Paulo e Virginia*. Dos numerosos romances escriptos pelo abbade Prévost, o que lhe assegurou a immortalidade? *Manon Lescaut*. Gosa em França de

muita reputação Estevão Becquet, que foi, antes de Janin, folhetinista dos *Debates*. Essa reputação em que se funda? N'um folhetim apenas, *Le mouchoir bleu*. Alijemos sem remorsos á vora-gem dos tempos os sonetos, as decimas, as poesias todas de Tolentino, salvemos as satyras, e teremos um nome glorioso para inscrever em letras d'oiro no templo da Memoria.

Que os estrangeiros, pouco familiares com a nossa lingua e menos ainda com a historia intima da nossa sociedade antiga, não comprehendam o talento de Nicolau Tolentino, todo de *nuances*, todo de finuras, que a rara felicidade dos epithetos, que dá tanto sal a cada verso, seja para elles um merito perdido, que a pintura animada e fiel d'uma geração que passou não saibam elles apreciar-a, nada mais natural. Espanta cômmodo que escriptores nossos compatriotas reproduzam os juizos superficiaes d'alheos criticos sem fazerem sentir o que ha n'elles de deficiente e erroneo.

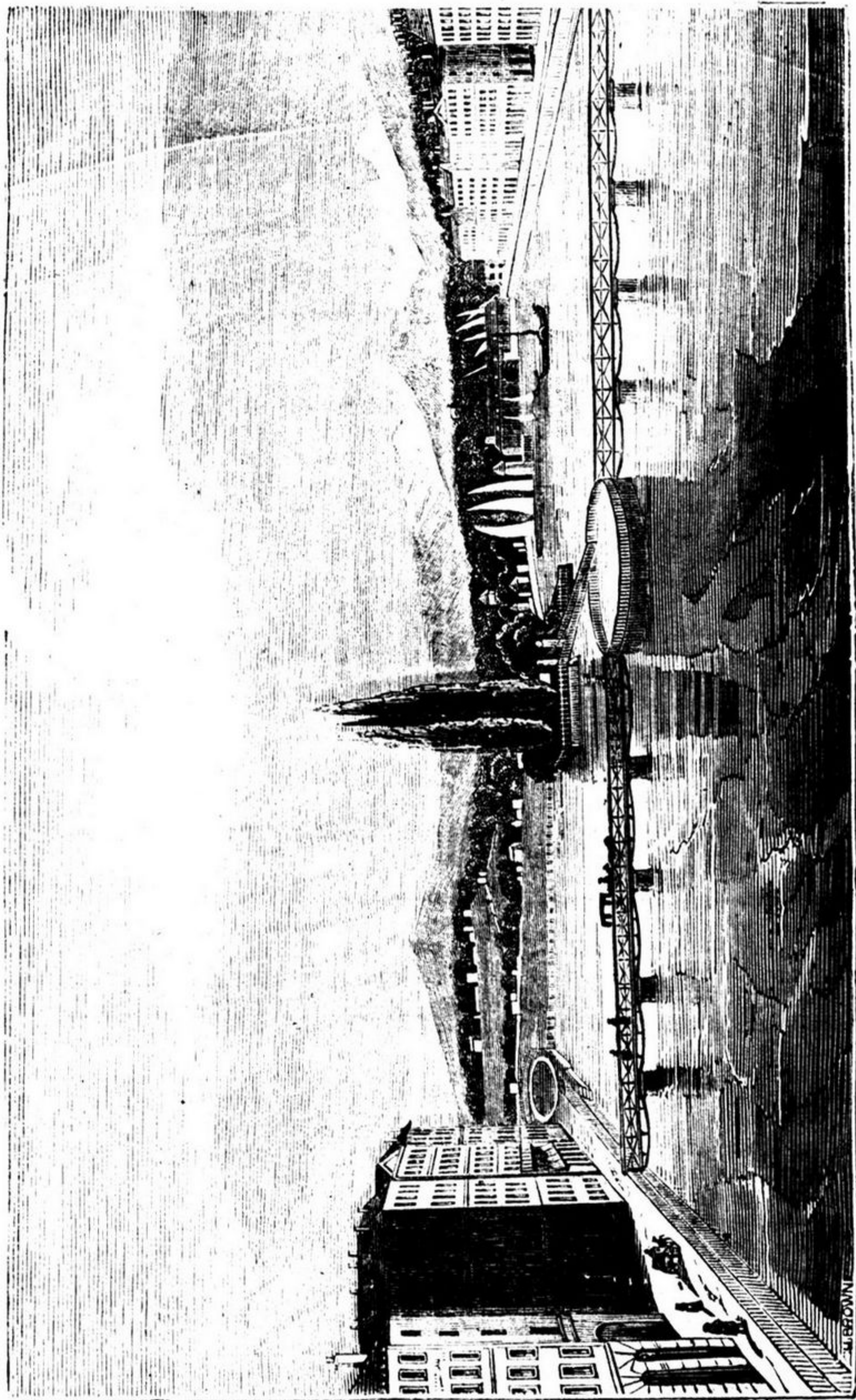
Os genios, que vivem no futuro, aquelles de que a humanidade conserva mais facilmente a memoria, não são os que cifraram unicamente na perfeição da forma o seu merecimento litterario; são os genios creadores, são os que apparecem diante dos vindouros cercados por um cortejo de personagens, a que a sua imaginação deu vida, e que parecem ter existencia mais verdadeira do que os personagens que realmente viveram no pussado, mas que o olvido transformou em sombras anonymas, que para nós não têm nem physionomia, nem character. Os genios como Shakspeare, ou Molière, que encheram o mundo da phantasia com uma população risonha ou sublime, com personagens que nos são familiares, que hão de ser familiares aos nossos netos, que hão de sempre viver e tumultuar na scena do mundo, quando os nossos nomes forem esquecidos, quando os traços da nossa physionomia os apagar o olvido, esses genios é que são verdadeiramente immortaes, esses é que, a despeito das fluctuações da critica, hão de conquistar sempre a admiração dos seculos.

Sem o podermos collocar entre tão grandes vultos, tem, comtudo, Nicolau Tolentino algumas das faculdades que os distinguem. A comedia do seu tempo não a fez elle, como fez Molière a comedia do tempo de Luiz XIV, mas reuniu para ella apontamentos immorredouros. Faltou-lhe o folego para a grande empresa, ou circumstancias que não conhecemos o desviaram d'esse proposito? Quem poderá sabel-o agora? A collecção dos typos fel-a elle magnifica. Dêem a esses typos a vida da arte, agitem-n'os na scena, e a comedia está feita. Apesar de não ter escripto nunca uma scena de theatro, a obra de Tolentino aproxima-se mais do a de qualquer dos nossos auctores comicos da obra de Molière. Fez elle o esboço, onde Molière faria um quadro, mas as figuras estão delineadas, e os traços do lapis sublime já o tempo não consegue apagal-os.

Nas suas satyras os typos que vio emtorno de si reflectem-se cheios de luz; refrangendo-se no prisma faceado da comedia, esses mesmos typos vestir-se-hiam de multiplas côres, viveriam a vida immortal da arte. Mas onde Molière seria, o prisma, Tolentino contentou-se em ser o espelho

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.



Genova — Ponte de Bergues

A origem de Genova perdeu-se com a successão dos seculos. Nenhum escriptor designou ainda a época do seu primeiro periodo historico, mas ha provas authenticas de que esta cidade pertencia aos romanos 122 annos antes da era christã, e antes que tivessem subjeitado os allobrogues. Era considerada como uma das principaes cidades subjeitas á sua dominação, e compunha-se então da parte da cidade que está situada á esquerda do Rhône. É a Julio Cesar que se attribue a reunião, n'esta parte, da pequena ilha

formada pelas duas ramificações do rio, sobre o qual fez edificar uma torre quadrada, afim de proteger Genova do lado de Helvetie, e de defender as fortificações que foram elevadas ao longo do Rhône. É elle proprio que diz ter sido o auctor d'estas obras: «*Al lacu Lemano ad montem Juram murum in altitudinem pedum sexdecim fossaque perdurit.*» (1) Finalmente foram os romanos que tornaram Genova uma cidade impor-

(1) Comm. de Bello Gall., lib. I.

tante. Em seguida soffreu muito com o poder das hordas barbaras que desolaram o Oriente; mas depois achou em Carlos Magno um zeloso protector que a reuniu ao reino de Arles, e foi d'este modo que ella fez parte do reino ephemero de Borgonha, e que foi depois annexada ao imperio da Allemanha.

Governada por imperadores fracos, cujo poder era dirigido por uma nobreza subjeita ás leis da egreja, foi facil ao clero de ganhar bastante ascendencia para partilhar os direitos do soberano, e depois de uma serie de commoções, de conspirações e cabalas intestinas entre os diversos partidos, Genova e o seu territorio foram submettidos á jurisdicção temporal e espirital dos padres. Todavia não gosaram nunca em paz a sua authoridade. Os habitantes, que elles chamavam seus subditos, quizeram prevalecer-se de antigos privilegios extinctos, e os condes de Saboia, guiados pelo espirito da dominação, contestaram mais d'uma vez aos padres os seus direitos á propriedade do territorio. Isto deu lugar a discussões interminaveis, em seguida ás quaes estes perderam a sua influencia, e finalmente o ultimo d'entre elles, succumbindo sob o peso das difficuldades, e alarmado por outro lado do poder sempre crescente dos reformadores que haviam tomado a denominação de *huguenotes*, e cujo espirito de seita fazia então em Genova progressos prodigiosos, fugio para Annecy, em 1553, onde a séde episcopal fôra estabelecida, e onde existia ainda em 1792, quando os francezes se opoderaram de Saboia. A origem da republica de Genova data da época da fuga do prelado, republica cujas bases tinham o cunho de uma democracia absoluta. Dois conselhos escolhidos entre o povo tomaram as redeas do governo, e a 25 d'abril de 1535 o *Conselho dos Duzentos*, adoptou a religião reformada cujas doutrinas foram depois reguladas por Calvino. Os genovezes deveram a esta mudança de religião e de governo uma apparencia de tranquillidade que foi interrompida pelos duques de Saboia, que teriam facilmente concluido por se tornarem senhores d'elles, se os cantões suissos não os houvessem soccorrido. Apesar d'isto, a liberdade e a nova religião de Genova correram grandes perigos; e só em 1754, no reinado de Emmanuel III de Sardanha, é que foi solemnemente reconhecida a independencia d'esta republica. Em 1768 o governo de Genova teve nova organização, toda em proveito do povo. Esta nova ordem de coisas criou embarços que puzeram em perigo o estado politico de Genova. Tres pontencias, a França, a Sardanha e a Suissa, intervieram n'estas disputas, mudaram a sua constituição e fizeram acceitar pelos conselhos, a 4 de novembro de 1782, um novo codigo de leis, assente em parte sobre principios aristocraticos.

Esta forma de governo durou, apesar das frequentes manifestações de descontentamento, até 1789, época em que rebentou nova revolução. O que a experiencia tinha provado ser incompativel com a liberdade republicana no edito de 1782 foi abolido, e o que pareceu conveniente e analogo aos principios da constituição e á origem do seu espirito foi conservado. Esta pacificação domestica devia fazer esperar longos annos de paz á republica, mas a revolução franceza foi tambem ali espalhar os seus effeitos, e em 1798

Genova foi reunida á França pelo governo d'então, mas á volta dos Bourbons, Genova tornou-se republica.

Terminamos estes apontamentos historicos dizendo que a nossa gravura representa as fachadas de edificios sumptuosos sitos em frente dos caes sobre que assenta a ponte, de construcção original, a qual une os dois rios á pittoresca ilha, que decora o monumento elevado a João Jaques.

MARTYR DE AMOR

(Continuado de pag. 332)

VII

Na bocca do inferno

Que magestoso espectaculo aquelle!

Parece que o dragão das tempestades cavara na rocha viva aquelle antro, como condigno palacio do rei dos mares. Não lhe falta o soberbo portico de um só arco, immenso, phantastico, moldado em uma só pedra e assentando de um lado e outro os seus potentes alicerces sobre o abysmo. Tem por vestibulo um extenso lagedo liso, unido, e suavemente declive para o mar, como que a pedir-lhe o cuidado de lhe varrer a superficie com a sua onda benefica. Lá dentro nas profundas sinuosidades d'aquelle recesso, onde se perde a vista e se perturba a razão; lá dentro, onde rugue feroz, quando o açoita o vento de sudoeste, o genio das procellas, tem esta humida potestade o seu thalamo nupcial, onde adormece em delicias sussurrando meigamente, se nos braços de alguma lubrica ondina o embala a brisa suave do norte.

Era n'uma hora de desespero do inconstante elemento. Cego de furia, redobrava de impeto, a cada nova accomettida com que se arrojava contra a penedia immovel, que parecia gemer no echo do embate os versos de Horacio:

*Si fractus illabatur orbs,
Impavidum ferient ruinae!*

Ao ar levantava-se cadencialmente uma nuvem esbranquiçada, que nas azas do vento se diffundia pelos campos visinhos em tenue e salgado chuvisco. Era a pulverisação do mar; era a trituração das ondas contra os rochedos. E lá do fundo parecia ouvir-se um gemido cavo e soturno, como o côro de todas quantas victimas o tyranno insaciavel tem submerso em seu seio, que em voz unisona lastimassem a sorte dos seus infelizes companheiros que a essa hora, na immensa amplidão das aguas, estavam destinados a repasto da fera insaciavel.

Era solemne o local.

Claudio e o seu companheiro chegaram á plataforma que domina o abysmo.

—Sabes a que vim aqui? disse o joven aspirante de marinha, quebrando em fim a pertinacia do silencio.

—Tu o dirás, respondeu friamente Christovam.

—Vim matar-me!

—Com alguma constipação! replicou chocar-reiramente o philosopho amigo do mancebo. A tarde está fria e a agua vae-nos já penetrando o fato. Sinto que me tivesses escolhido para socio do teu louco designio.

—Não brinques, Christovam! que te fallo mui-

to sério. Preciso pôr termo a esta odiosa existencia.

—Seja assim! disse phlegmaticamente o outro.

—E escolhi para esse effeito a pistola.

—Fizeste bem.

—E' rapida morte? não?

—Creio que é.

—Um tiro no ouvido ou sobre o coração?

—Conforme.

—Esmigalhar o cerebro é melhor? O cerebro é o centro de sensibilidade.

—Julgo que sim.

—A um tiro no coração pôde sobreviver-se e haver longo soffrimento?

—Pôde!

—Então é melhor na cabeça?

—E'.

—Na fonte ou no ouvido?

—E' indifferente. Tudo lá vae dar.

—E debaixo da barba?

—Tambem não é mau.

A gravidade com que os dois travavam este dialogo, pelo effeito dos contrastes, desafiava a gargalhada.

A companheira de Christovam, que, do seu ninho de aguia, entre os penedos, os escutava, não pôde deixar de sorrir, apesar dos seus sobresaltos.

Houve um momento de glacial silencio. Claudio não se atrevia a quebral-o por lhe não occorrer uma phrase opportuna que dissesse.

—Queres as pistolas? disse por fim Christovam, como que apressado de dar solução á tragi-comedia.

—Não! deixa-me ir mais para a beira do mar.

—Vamos lá.

E os dois caminharam alguns passos pelas vedas escorregadias, que o acaso formou por entre os penedos, como para dar accesso aos homens até ao centro d'aquelles magestosos artefactos da natureza.

—Aqui? perguntou ainda o impassivel confidente.

—Ainda não! voltou o outro.

Novo silencio se lhe seguiu.

—E se nós fossemos até ao farol da Guia? De baixo d'aquellas furnas teria por tumulto sumpuoso os rochedos seculares, acrescentou timidamente o aspirante de marinha.

—Se queres vamos; mas molhamo-nos todos até lá.

—Então seja aqui!

—Aqui estão as pistolas.

Christovam estendia os braços offerecendo as armas mortiferas ao seu amigo, que se não resolvia a pegar-lhe.

—E se eu me precipitasse n'este abysmo? perguntou elle.

—Tambem não era mau.

—Era uma morte menos vulgar.

—Mas já usada por Sapho...

Claudio fez que não ouvira a chasco, com que o seu amigo tomára aquella sua resolução e do qual já não podia duvidar-se.

—A morte será rapida para quem se lançar d'aqui abaixo?

—E'

—Mas a asphyxia por submersão é angustiosa?

—Santo Agostinho diz alguma coisa a esse respeito...

—A ressaca da onda arremessando o meu corpo contra o escarpado das rochas talvez me não deixe prolongar por muito tempo a agonia.

—Talvez.

—Então está decidido!

—Seja.

—Dirás o que viste e contarás a essa ingrata que não trepidei no instante supremo.

—Direi.

—E que morro... pronunciando o nome d'ella.

—O nome d'ella, repetiu Christovam.

Mas d'aqui não! Será d'além de sobre o arco que eu irei lancar-me. Quero ser livre na morte, ver a immensidade do mar e do ceu.

—Pois vamos lá.

O mancebo não podia tergiversar. Comtudo aventurou ainda:

—E se tu caes? perguntou elle. Se a tua dedicacão te arrasta comigo ao abysmo?

—Não tem duvida, replicou Christovam, avançando.

É difficil e perigoso o accesso sobre o arco. Mede uma superficie escabrosa de dois metros de largura pouco mais ou menos, tendo de um lado e do outro o abysmo. e por baixo o abysmo tambem. E' mister muita firmeza de vista e passo muito seguro para o atravessar, maiormente n'um dia como aquelle, em que o marulhar das aguas que por baixo d'aquelle diabolica ponte se agitam mais attraem e perturbam a vista com a sua infernal fascinação, e em que a violencia do vento impetuoso alli, n'aquella eminencia desabrigada, menos deixa firmar o passo incerto.

A dama escondida tremeu pela temeridade dos dois, e receiando que o plano, que era de uma comedia, se podesse tornar lastimosamente tragico por aquelle passo arrojado, julgou opportuno intervir.

Caminhavam já ambos no sentido indicado, quando ella, surgindo de entre os penedos que a haviam abrigado, lhes tomou o passo:

—Boas tardes, meus amigos. Vem ver a magestade d'este espectaculo? Tambem eu vim. Se me houvessem avisado do projecto do seu passeio, poupar-me-iam o tedio de vir só.

—Oh! diabo! D. Henriqueta! exclamou Claudio ao ouvido do seu amigo, querendo mostrar-se contrariado, mas não podendo esconder na voz e no olhar o vislumbre da mais intima satisfacão por aquelle incidente, que vinha causar tão feliz peripecia no seu drama.

—Iamos além para contemplar de mais perto aquella lucta solemne., attraia-nos a magnitude d'aquelle abysmo... e desejavamos penetrar bem até ao seio d'este combate dos elementos, disse Christovam com transparente intencão.

—Era uma temeridade, meu amigo, voltou D. Henriqueta, uma temeridade, em que eu não consinto. Pôde escorregar-lhes um pé! estão tão humidas as pedras... é tão difficil e tão estreito o caminho, e depois uma vertigem,... Deus nos livre.

—Isso mesmo estava eu dizendo a Christovam quando elle insistiu... acrescentou impensadamente o joven suicida.

—E' verdade! voltou Christovam. Claudio não queria que alli fossemos! Elle tem razão. N'aquella idade não admira que haja medo da morte.

A ironia era pungentissima.

Claudio enguliu-a com mais difficuldade do que

o primeiro dos homens engulio a maçã diabolica: Quer dizer: engasgou-se como Adão. A differença é que a mulher alli não era a tentadora... era a salvadora; verdade é tambem, que em compensação aquella Eva não lhe pertencia.

Os moralistas que tirem d'aquí as conclusões que lhes aprouver.

—A tarde vae esfriando horrivelmente e o melhor é retirarmos para casa. Mandarei fazer *punch* para os aquecer, e se não temos fogão parisiense, poderemos arranjar uma brazeira á moda das nossas provincias do norte, e alli palestraremos amigavelmente até ao chá.

—Falhou o plano, disse Claudio a meia voz ao seu amigo, mas na botica ainda ha venenos.

—Ainda, replicou este sorrindo.

—E não são difficéis de obter? continuou o mancebo.

—Dão-se a quem os pede.....

—Sim?

—Com uma receita do medico, proseguiu Christovam rindo..... porque os medicos, são os unicos assassinos legais da humanidade.

A gargalhada foi unisona e pozeram-se todos tres a caminho.

C. B.

(Continúa)

BAYLLY

● **resumo da sua historia; e a sublime resposta que proferio quando caminhava para o supplicio.**

Bailly, illustre cidadão francez, consagrou por muitos annos a sua vida á cultura das sciencias e das lettras, tornando-se celebre na Astronomia, e merecendo pelos seus trabalhos e escriptos de diversos géneros a honra de ser admittido na Academia Franceza e na Academia das Inscripções.

A Revolução franceza (1789) o arrancou dos seus pacíficos trabalhos scientificos e litterários, e o arremessou á voragem da politica. Fatal desvio, que, fazendo-o brilhar por algum tempo na scena revolucionaria, o conduziu depois ao supplicio da guilhotina!

Sendo eleito deputado aos Estados Geráes pela cidade de Paris, foi presidente d'aquella assembléa; e designadamente estava presidindo na famosa sessão de 20 de Junho de 1789, na qual os deputados juráram que não se separariam—em quanto não déssem á França uma constituição. Foi nomeado *Maire* de Paris; mas as providencias que tomou em 17 de Julho de 1791 para a manutenção da ordem, e para obstar aos excessos populares, o malquistáram com os revolucionarios, fazendo-lhe perdêr toda a popularidade, e obrigando-o a resignar as funcções de *Maire*, e a abandonar a capital.

Em 1793 foi prêzo em Melun, conduzido a Paris, e guilhotinado no dia 11 de Novembro desse anno. O tempo estava frio e chuvoso; o infeliz ancião soffreu insultos mil da gentalha; e o seu supplicio foi uma longa e muito demorada agonia, pois que o conduziram da *Conciergerie* até ao *Campo de Marte*, acompanhando-o o populacho barbaro e feroz, que o atormentava com toda a casta de ruins tratos.

Referirei agora, pelas proprias palavras do sr. Thiers as tristissimas scenas do supplicio de Bailly, que ainda hoje horrorisam e excitam a mais vehemente indignação.

Consolar-nos-ha, se consolação é possível em

tães lances, a sublime resposta que o venerando ancião deu a um soldado:

—Foi Bailly condemnado, e havia de ser executado no Campo de Marte, theatro do que chamavam o seu crime. Foi no dia 11 de Novembro, e por um tempo frio e chuvoso, que se realisou o seu supplicio. Conduzido a pé, e no meio dos insultos da barbara gentalha, á qual proporcionára elle sustento em quanto exerceu as funcções de *Maire*, conservou-se sempre tranquillo e com uma serenidade inalteravel. Durante o longo trajecto da *Conciergerie* até ao *Campo de Marte*, foram-lhe metendo sempre á cara a bandeira vermelha, que descobriram na *Mairie*, guardada em uma bocêta de acajú. Chegou finalmente ao pé do cadafalso; parecia que devêsse terminar alli o seu supplicio; mas um dos malvados que o perseguiam começou a bradar, que não devia o campo da federação ser manchado com o sangue de Bailly. A esta voz, precipitam-se os outros sobre a guilhotina, desarmam-na, e a transportam com o mesmo afan, com que outr'ora haviam cavado o campo da federação: levam-na para as bordas do Sena, e alevantam sobre um montão de immundices, defronte do bairro de Chaillot, onde Bailly passára a vida e compôs as suas obras. Muitas horas durou esta operação, durante as quaes obrigáram o ancião a percorrer muitas vezes o Campo de Marte, com a cabeça descoberta, com as mãos atadas atraz das costas, e arrastando-se com difficuldade. Uns lhe lançam lama; outros o férem com páuladas. Opprimido de fadiga, cae extenuado; mas de novo o erguem: *Tu trêmes*, lhe pergunta um soldado. — *Sim, tremo*, respondeu o ancião com serenidade; *tremo, mas é de frio!* — Depois de muitas horas de supplicio, queimáram-lhe junto do nariz a bandeira vermelha; o carrasco apoderou-se d'elle por fim, e cortou a vida de um sábio illustre, de um dos homens mais virtuosos que honráram a nossa pátria! = (1)

É sublime a resposta de Bailly, no apurado lance em que foi proferida! No meio de insultos pungentes, e já diante da morte, conservava Bailly a heróica serenidade do homem sábio e virtuoso.

—Fatal cegueira do fanatismo! Desgraçados tempos aquelles, em que á plebe desenfreada é permittido obedecer a instinctos ferozes!

Bailly fôra a providencia das classes pobres nas amarguradas crises de fome,—e em paga dos beneficios que espalhou, recebeu affrontas, o martírio e a morte!...

Praza a Deus que nem a França, nem paiz algum do mundo torne mais a presenciar tão repugnante, tão barbaro espectáculo!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Modo de tirar a corrupção e o agro ao vinho

Metta-se n'um saquinho um pouco de trigo bem limpo e joeirado, e suspenda-se este saquinho no vinho por um pouco e torne-se a tirar. Elle attrahirá a si o máo gosto do vinho, tornando-o mais claro e puro.

(1) Vêja os tomos I e V da *Historia da Revolução Franceza*, por M. Thiers.